

ESTADOS UNIDOS

Guerra tarifária e plano de anexar o Canadá

Trump espera represálias, depois de impor tarifas de importação de 25%, e ameaça transformar vizinho no 51º estado americano

» RODRIGO CRAVEIRO

Apesar de admitir represálias à sua guerra tarifária — lançada no sábado contra Canadá, México e China —, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, afirmou que a dor provocada pelas reações dos países “valerá a pena” e tornou a ameaçar a anexação do Canadá. “Nós pagamos centenas de bilhões de dólares para subsidiar o Canadá. Por que? Não há razão. Não precisamos de nada que eles tenham. Temos energia ilimitada, deveríamos fabricar nossos carros e temos mais madeira do que podemos usar”, escreveu, em sua plataforma Truth Social. “Sem esse subsídio massivo, o Canadá deixa de existir como um país viável. É duro, mas verdadeiro. Portanto, o Canadá deve se tornar nosso querido 51º estado.”

Dezessete minutos antes, na mesma rede social, o republicano tinha questionado o motivo pelo qual os Estados Unidos deveriam perder “trilhões de dólares” ao “subsidiar” outros países. “Esta será a era dourada dos EUA! Haverá alguma dor? Sim, talvez (e talvez não!). Mas faremos a América grande novamente, e valerá a pena o preço que deveremos pagar. Somos um país que está sendo administrado com senso comum, e o resultado será espetacular!”, escreveu.

No sábado, Trump impôs tarifas aduaneiras de 25% sobre importações do Canadá e do México, e um adicional de 10% àqueles em vigor sobre produtos chineses. Em resposta, Dominic LeBlanc, ministro das Finanças canadense, anunciou, ontem, uma tarifação de 25% sobre importações dos EUA — entre eles, frutas e vegetais, laticínios, vestuário, vinho, cerveja e itens domésticos. “O Canadá responderá à ação comercial dos EUA com tarifas de 25% contra US\$ 155 bilhões em bens americanos”, declarou o primeiro-ministro Justin Trudeau, no sábado. “Isso inclui tarifas imediatas sobre cerca de US\$ 30 bilhões em produtos dos EUA, a partir de terça-feira.”

Mandel Ngan/AFP



Nós pagamos centenas de bilhões de dólares para subsidiar o Canadá. (...) Sem esse subsídio massivo, o Canadá deixa de existir como um país viável. É duro, mas verdadeiro. Portanto, o Canadá deve se tornar nosso querido 51º estado.”

Donald Trump, presidente dos Estados Unidos

Menos de três horas depois da publicação de Trump, Trudeau fez um apelo, no início da tarde de ontem, aos canadenses. “Agora, é hora de escolher produtos feitos bem aqui, no Canadá. Verifiquem os rótulos. Vamos fazer nossa parte. Sempre que possível, escolham o Canadá”, recomendou. O apelo do premiê deu resultado imediato. As prateleiras de supermercados canadenses estampavam uma etiqueta sob alguns produtos: “Produzido no Canadá”.

Uma fonte do governo canadense disse à agência de notícias France-Presse que o país apresentará uma queixa à Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os Estados Unidos. “O governo canadense considera claramente que essas tarifas alfandegárias constituem uma violação dos compromissos comerciais dos Estados Unidos” no âmbito da OMC e do tratado

Andrej Ivanov/AFP



Contêineres no Porto de Montreal, no Canadá: governo de Justin Trudeau anuncia retaliação a Washington

comercial T-MEC. A China tomou a mesma decisão de acionar a OMC. Trump também ameaça adotar tarifas contra a União Europeia (UE). A Comissão Europeia divulgou nota, em que afirma que “a UE está firmemente convencida de que tarifas baixas promovem o crescimento e a estabilidade econômica, mas responderá com firmeza se tarifas injustas forem aplicadas”.

México

A presidente do México, Claudia Sheinbaum, avisou que aguarda a resposta de Trump à proposta de criar uma mesa de trabalho sobre migração e narcotráfico, temas que o republicano citou para impor tarifas ao México. “Sugiro que aguardemos a resposta do presidente Trump a esta proposta (...). Amanhã, estarei informando as primeiras medidas do que chamamos de

“plano B” diante desses impostos, declarou, em uma menção à possível taxação de produtos dos Estados Unidos. Trump acusou o México de forjar uma “aliança” com cartéis do narcotráfico e de oferecer-lhes “abrigos seguros”.

Vivek Astvansh, especialista em relações comerciais canadense-americanas pela McGill University (em Montreal, Canadá), disse ao **Correio** acreditar que Trump esteja usando o termo errado em suas declarações. “Subsídio significa que uma parte vende um produto para outro a um preço menor do que o preço de mercado. Não vejo os EUA fazerem isso em relação ao meu país. Esse teatro serve a leigos, que presumem que, se sua nação fabricar um produto internamente, em vez de comprá-lo de outro país, o preço será menor. É uma suposição errada”, explicou. Sobre a ameaça de anexar o Canadá e transformá-lo no 51º

estado americano, o estudioso afirmou: “Não levo isso a sério”.

Ainda segundo Astvansh, os importadores americanos pagarão tarifas aos governos federais. “Os custos aumentarão e os lucros diminuirão. Para tentar conter o declínio dos ganhos, os importadores pedirão aos exportadores mexicanos e canadenses para que reduzam seus preços ou aumentarão os preços para os consumidores finais. “Essa segunda opção ampliará a inflação e pressionará os governos a conterem-na. O governo poderá retirar o aumento da tarifa, sob a alegação de que a nação está ‘segura’. Os exportadores, provavelmente, não poderão reduzir seus preços em até 25%, o que significa que os importadores buscarão exportadores em outros países, assim como exportadores buscarão importadores.”

O canadense aposta que a tarifa pode forçar os EUA, o

Eu acho...



Arquivo pessoal

“Os importadores americanos poderão aumentar os preços para o consumidor final, o que aumentará a inflação. O Canadá impôs tarifas retaliatórias. Com isso, os exportadores americanos terão que encontrar países alternativos e reduzir a produção, até que possam encontrar alternativas. Reduzir a produção pode significar demissões.”

Vivek Astvansh, especialista em relações comerciais canadense-americanas pela McGill University (em Montreal, Canadá)

Canadá e o México a forjarem novos acordos comerciais ou aprofundar pactos existentes com outros países. “Isso oferece oportunidades para países da Europa, Ásia, África e América do Sul criarem acordos comerciais proativamente”, concluiu Astvansh.

Considerado o “pai das finanças modernas”, Eugene F. Fama — professor da Universidade de Chicago e laureado com o Prêmio Nobel de Economia em 2013 — foi sucinto ao comentar a guerra tarifária de Trump. “Meu palpite: tudo isso é uma pose antes de negociações sérias”, disse ao **Correio**, por e-mail.

Em seu editorial da última sexta-feira, o respeitado *The Wall Street Journal*, de tendência de direita, citou o tarifaço de Trump como “a guerra comercial mais idiota”. “Os consumidores americanos sentirão o impacto dos preços mais elevados de alguns produtos”, advertiu a publicação.

ORIENTE MÉDIO

Israel lança ataque sem precedentes contra Jenin

No 15º dia de trégua na Faixa de Gaza, novas explosões sacudiram o território palestino, desta vez, na Cisjordânia ocupada. As Forças de Defesa de Israel (IDF) implodiram 23 prédios no campo de refugiados de Jenin que estariam sendo usados por “operativos do terror”. Em nota, o Ministério das Relações Exteriores da Autoridade Palestina denunciou “os atentados com bomba cometidos pelas forças de ocupação israelenses”, em particular, a decisão de “destruir grandes bairros do campo de refugiados, em uma cena brutal que reflete a magnitude de algumas destruições sofridas pela Faixa de Gaza”.

As IDF anunciaram a morte de mais de 50 “terroristas” na Cisjordânia desde 14 de janeiro. No mês passado, Israel iniciou a ofensiva “Muro de Ferro”, para expulsar o Hamas e a Jihad Islâmica da região de Jenin. “As forças eliminaram mais de 35 terroristas e prenderam mais de 100 pessoas procuradas”, declarou o exército. “Em uma ação anterior, mais de 15 terroristas foram eliminados em um

Mohammad Mansour/AFP



Fumaça depois de explosões no campo de refugiados, na Cisjordânia

bombardeio.” Israel reconheceu a morte de vários civis.

As incursões foram lançadas na madrugada de ontem, em Tamun, vilarejo do norte da Cisjordânia, e se expandiram para cinco cidades. Os militares espalharam panfletos escritos em árabe, nos quais explicam que a operação

buscava “erradicar os criminosos armados, os lacaios do Irã”.

Mustafa Barghouti, secretário-geral da Iniciativa Nacional Palestina e potencial sucessor do presidente Mahmud Abbas, acusou Israel de pretender realizar uma “limpeza étnica na Cisjordânia, como na Faixa de Gaza”.

“Seu objetivo final é a anexação da Cisjordânia e a expulsão de sua população”, denunciou ao **Correio**, por meio do WhatsApp.

Dina Jadarat, jornalista de Jenin, disse à reportagem que os ataques de ontem não têm precedentes na Cisjordânia ocupada. “O Exército de ocupação explodiu muitos prédios. Por enquanto, não podemos entrar no campo de refugiados, por causa de um cerco que impuseram a nós e por conta dos tiroteios. Mas eles implodiram os prédios, ao colocarem no solo uma grande quantidade de explosivos”, afirmou. “Não sabemos quantas pessoas estavam nos edifícios. Temos informações de que algumas famílias não conseguiram sair do campo de refugiados.”

Segundo Jadarat, há 13 dias, as IDF invadiram a Jenin e seu campo e mataram combatentes de facções armadas. “Até o momento, temos 26 mártires. Ainda não temos um número exato de palestinos presos e de feridos por balas letais”, disse. (RC)

160 mil dizem 'não' à extrema-direita alemã

“Somos a barreira de proteção”, afirmaram dezenas de milhares de manifestantes no centro de Berlim, durante protesto para expressar rejeição à aproximação iniciada esta semana entre a direita e a extrema-direita alemãs, a três semanas das eleições parlamentares. A polícia estima que cerca de 160 mil pessoas participaram do ato; os organizadores calculam em 200 mil. A concentração se reuniu diante do Bundestag, o Parlamento alemão, e seguiu até a sede da CDU, o partido conservador. Os manifestantes rejeitaram a decisão tomada nesta semana pelos democratas cristãos conservadores do partido CDU, de Friedrich Merz, de contar com os votos do movimento de extrema-direita Alternativa para a Alemanha (AfD), em uma tentativa frustrada de aprovar conjuntamente um projeto de lei para limitar a imigração.



John MacDougall/AFP